

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM SALAS DE APOIO NA PROMOÇÃO DO AUTO CUIDADO DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA (TEA) – REVISÃO DE LITERATURA

NURSING ASSISTANCE IN SUPPORT ROOMS IN THE PROMOTION OF SELF CARE FOR CHILDREN WITH AUTIST SPECTRUM (ASD) - LITERATURE REVIEW

Isabelle Gomes do Nascimento¹

Resumo: Todos os indivíduos necessitam interagir com outros e com o meio ambiente desde o princípio de suas vidas, um processo importante para que seu desenvolvimento ocorra da forma esperada. Quando bebês, a todos os momentos recebemos estímulos que vão contribuir para que sejam adquiridas habilidades, tais como conseguir erguer o pescoço, rolar, começar a engatinhar, ficar sentado e até falar. Crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) vão apresentar déficits na aquisição de uma ou mais aptidões que deveriam estar presentes ao longo do seu processo de desenvolvimento. Alguns estudos revelam prognósticos positivos quanto a aquisição da linguagem verbal, melhor relacionamento interpessoal, autonomia, entre outras habilidades que foram reforçadas de maneira positiva quando houve intervenções precoces, principalmente em crianças diagnosticadas com TEA. Pretende-se com esse trabalho realizar uma revisão de literatura, coletando dados referentes a prestação de assistência de enfermagem em salas de apoio que promoveram autocuidado para crianças diagnosticadas com TEA, reunindo produções onde podem ser evidenciadas melhorias em amplo aspecto de suas vidas e na autonomia de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, contribuindo positivamente na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, no intuito de trazer melhor qualidade de vida para todos os envolvidos nesse processo.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Educação Especial. Autocuidado. Cuidados de Enfermagem. Educação em Saúde.

Abstract: All individuals need to interact with others and with the environment around them from the beginning of their lives, which is an important process for their proper development based on their age. As babies, we receive stimuli at all times that can contribute to the acquisition of skills, such as being able to lift the neck, roll over, start to crawl, stay seated and to speak. Children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) will show deficits in the acquisition of one or more of these skills that should happen throughout their development process. Some studies reveal positive prognoses regarding the acquisition of verbal language, better interpersonal relationships, autonomy, among other skills that were positively reinforced when there were early therapeutic interventions, especially in children diagnosed with ASD. The aim of this work is to carry out a literature review by collecting data regarding the provision of nursing care in support rooms that promoted self-care for children diagnosed with ASD. In all these productions,

1 Bacharel em Enfermagem pela Universidade Paulista - Unip; Especialista em Neurologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - Faveni; Pós graduanda do curso Lato Sensu em Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação do Campo pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Palmas - TO. ORCID: 0000-0002-4083-0047. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3092157474076931> E-mail: isabellegn.enf@gmail.com

improvements could be evidenced in a wide aspect of the lives of children diagnosed with ASD, mainly in their autonomy, contributing positively to the construction of a fairer and more inclusive society, by bringing a better quality of life to all involved in this process. to the construction of a fairer and more inclusive society, in order to bring a better quality of life to all those involved in this process.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Special Education. Self Care. Nursing Care. Health Education.

Introdução

O autismo é considerado em tempos atuais como um distúrbio do desenvolvimento, caracterizado por alterações presentes e perceptíveis precocemente, tipicamente antes dos três anos de idade. De impacto múltiplo e variável, essa condição pode afetar áreas nobres do desenvolvimento humano, como a comunicação, interação social, aprendizagem e a capacidade de adaptação com o meio em que o indivíduo esta inserido (MELLO, 2007).

Algumas crianças diagnosticadas com o TEA apresentam atrasos relacionados ao desenvolvimento da linguagem, com ecolalias (repetição de palavras que acabou de ouvir) e problemas de entonação, podendo também apresentar comunicação não verbal. Outro sinal característico associada ao TEA, é a presença de stims, que são movimentos estereotipados, cuja função é auxilia-los a se comunicar ou autorregular-se, como por exemplo os flapping de mãos e balançar o corpo de forma rítmica (OAB, 2018, p.42).

O comprometimento da coordenação motora, como as dissimetrias na motricidade também podem estar presentes (BRASIL, 2014), e executar tarefas simples do cotidiano podem ser um grande desafio na vida de pessoas com TEA, podendo acarretar comprometimentos em sua autonomia.

Na maioria das vezes esse processo de autonomia torna-se mais prejudicada devido à falta de conhecimentos inerentes ao autocuidado por parte de seus pais ou seus cuidadores. “A autonomia dessa criança e sua capacidade para auto cuidar-se pode ser mais comprometida quando seus pais, por falta de conhecimento e compreensão, não a estimulam precocemente, tendendo a infantilizá-la, desconhecendo suas potencialidades e as superprotegendo” (RODRIGUES et al., 2016, p. 2).

O presente estudo teve como objetivo a realização de uma revisão de literatura, onde foram coletando dados referentes a prestação de assistência de enfermagem em salas de apoio que promoveram autocuidado para crianças diagnosticadas com TEA.

A reunião dessas produções possibilitou evidenciar melhorias em amplo aspecto da vida das pessoas com o diagnóstico de TEA, assim como na autonomia das mesma, algo que contribui positivamente na construção de uma sociedade mais justa, inclusive e igualitária, no intuito de trazer melhor qualidade de vida para todos os envolvidos nesse processo.

Metodologia

O levantamento bibliográfico desse estudo foi executado entre os meses de fevereiro a outubro

do ano de 2020, restringindo-se ao tema geral criança, com publicações em Português, onde foram utilizados como descritores as palavras *transtorno do espectro autista; educação especial; autocuidado; cuidados de enfermagem e educação em saúde*. Foram realizadas buscas nas plataformas LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciência da Saúde), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e BVS (*Biblioteca Virtual em Saúde*), restringindo-se a publicações entre os anos de 2005 a 2020.

Esse estudo foi realizado de forma integrativa, baseando-se no referencial de Mendes et al.(2008), onde, de maneira analítica, buscou-se encontrar o melhor entendimento sobre o tema abordado. Embasando-se em estudos anteriores, foi possível executá-lo em seis etapas: 1.identificação do tema a ser proposto; 2.identificação do problema; 3.seleção de literaturas; 4.categorização dos estudos selecionado; 5.análise e resultados; 6.conclusão da revisão.

Os critérios utilizados para inclusão de artigos nesse levantamento foram: dispor de artigo completo para consulta de forma gratuita; publicação ser em português do Brasil; ter sido publicada entre os anos de 2005 a 2020; ser um relato de experiência; ser uma revisão de literatura. Os artigos indisponíveis no idioma português do Brasil, artigos em duplicidades e indisponíveis de forma íntegra gratuitamente foram excluídos dessa revisão de literatura.

A escolha dos termos se baseou no tema norteador da pesquisa, o que possibilitou obter-se uma quantidade expressiva de achados, conforme pode ser observado na Tabela 1:

Tabela 1. Levantamento bibliográfico

PALAVRA CHAVES	RESULTADOS		
	LILACS	SCIELO	BVS
Transtorno do espectro autista	38	300	94
Educação Especial	23	286	55
Autocuidado	07	706	6
Educação em saúde	144	8 550	144
Cuidados de enfermagem	69	3 314	66

Fonte: Autora, 2020.

Nessa etapa, foram realizadas as leituras dos resumos dos artigos encontrados a fim de verificar se os mesmos se enquadravam nos critérios para inclusão, onde, os artigos selecionados foram lidos na íntegra, e após análise, foram categorizados e ordenados pelo ano de publicação, com o intuito de explorar a fundo principalmente as produções mais recentes, obedecendo a cronologia.

Promoção do autocuidado por meio das social stories

O transtorno do espectro do autismo se caracteriza por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (ANDRADE, 2016, p. 8). Para Tamanaha et al. (2008), na décima revisão da Classificação Internacional de Doenças – CID 10(33), o TEA caracteriza-se por alterações da interação social e as formas de comunicação, onde o indivíduo apresenta interesses e atividades restritas, além das estereotípias.

A primeira infância, que vai de zero a seis anos de idade é uma fase de extrema importância para o ser humano, pois é quando ele começa a formar toda a sua estrutura emocional e afetiva, desenvolve sua personalidade, caráter e a capacidade de aprendizagem está em alta. (MS, 2019). Nessa fase, os sinais

característicos, como os atrasos do neuro desenvolvimento clássicos do autismo já são perceptíveis.

A pessoa com TEA pode apresentar prejuízos na capacidade de compreensão das situações sociais, comprometimento no desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora, consequentemente, impossibilitando a execução de tarefas e atividades cotidianas simples, como beber água, escovar os dentes, usar o banheiro, entre tantas outras, acarretando em prejuízo a autonomia do indivíduo diagnosticado.

Para Rodrigues et al. (2016, p. 2) a “autonomia dessa criança e sua capacidade para auto cuidar-se pode ser mais comprometida quando seus pais, por falta de conhecimento e compreensão, não a estimulam precocemente [...]”. No TEA existem graus variáveis de comprometimento, Segundo Sousa (2018) há limitações sociais, físicas e cognitivas, porém há um prejuízo bem marcado quanto a interação social, alterações na comunicação e há padrões limitados e estereotipados de comportamento e interesses.

Assim, Rodrigues et al. (2016) propôs uma intervenção de enfermagem frente ao autocuidado da criança com autismo utilizando uma ferramenta de aprendizagem denominada de Social Stories, técnica desenvolvida por Carol Gray no ano de 1991.

Por meio de histórias curtas representadas por imagens, utilizando uma linguagem simples e direta na primeira pessoa do singular, representando de forma lúdica uma situação cotidiana, um evento ou habilidade a ser adquirida de maneira adequada, a fim de ser compreendida por seu interlocutor, resgatando a criança não verbal, possibilitando que aconteça interação e troca entre as partes, pois “a falta de compreensão ou a incapacidade de comunicar-se, ou a frustração total podem, eventualmente levar a explosões de agressividade[...]”. (KLIN, 2006, p.58).

Segundo Rodrigues et al. (2016), a Social Stories é uma técnica que estimula a independência da criança na execução de atividades de autocuidado, vida diária e no posicionamento social, e à medida que se divide uma situação social difícil em etapas compreensíveis, acaba por ajudar crianças com autismo a compreender a totalidade de uma situação.

Assim o profissional de enfermagem fundamentado na prática assistencial de Autocuidado de Orem, que foca em desenvolver o sistema de apoio educacional proposto pela teórica, apoiado na metodologia lúdica criada em 1991 por Carol Gray, pode simular situações cotidianas para auxiliar crianças com TEA a compreender o que está tentando ser passado para elas.

De acordo com as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA), um dos comprometimentos nos aspectos emocionais, é a dificuldade de encontrar formas de expressar as diferentes preferências e vontades, e de responder às tentativas dos adultos de compreendê-las, quando a busca de compreensão está presente na atitude dos adultos. (BRASIL, 2014).

No experimento, Rodrigues et al. (2016), a abordagem contou com a participação de uma criança de 11 anos de idade que foi diagnosticada com TEA aos 3 anos e 2 meses de idade. Entre as dificuldades apresentadas, foi relatado que a criança era bastante inquieta, não conseguia permanecer sentada durante as refeições, e quanto aos cuidados básicos de higiene, não conseguia executar tarefas como lavar as mãos ou escovar os dentes, perdeu a habilidade de tomar banho, a noção sobre as partes do próprio corpo, e não conseguia higienizar-se após a evacuação.

Para Rodrigues et al. (2016), a criança também apresentava outros comprometimentos típicos do seu diagnóstico, como o comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor. Mesmo com algumas habilidades comprometidas, a criança possuía habilidades notórias, como a identificação dos dias da semana de anos futuros, interesse por tecnologias e boa memorização, com *hiperfoco*² nas bandeiras dos países.

Os comprometimentos típicos no desenvolvimento da criança diagnosticada com TEA envolve o aspecto motor (andar sem elevar os pés, pular constantemente ou não mover-se), a fala (com mutismo seletivo, ecolalia imediata e de atraso), hipersensibilidade sensorial auditiva (tapar ouvidos) e visual (tapar os olhos e rodar objetos) e no aspecto emocional, apresentava baixa tolerância a frustração, dificuldades de interação social, mudanças de humor repentina e resistência na quebra de rotinas (BRASIL, 2014).

2 Interesse intenso (Instituto Federal da Paraíba, 2017, p.5)

O processo de enfermagem aplicado por Rodrigues et al. (2016) no estudo citado seguiu três etapas de execução, onde no primeiro passo foi realizada a anamnese, com a coleta de dados do histórico do paciente com entrevista semiestruturada, exame físico com coleta de dados antropométricos e aplicação da escala de traços autísticos.

No segundo passo, o foco foi a elaboração do plano de cuidados baseados nos diagnósticos identificados, intervenções e resultados esperados. No último passo houve a entrevista avaliativa, as intervenções com as Social Stories, o preenchimento do formulário semanal de acompanhamento e o acompanhamento e supervisionado da criança pelos pesquisadores.

Com a realização da anamnese, quatro diagnósticos de enfermagem foram definidos: criança com habilidade para banhar-se em nível diminuído; criança com confusão sobre a estrutura corporal; criança com habilidade para executar o autocuidado de escovar os dentes em nível diminuído e criança com habilidade para realizar higiene íntima comprometida. Com os diagnósticos definidos, foi possível que as propostas de intervenções de enfermagem fossem definidas.

Como recurso, foram elaboradas as Social Stories de acordo com as necessidades e singularidades da criança, tendo como prioridade a emancipação desse indivíduo quanto a sua autonomia (RODRIGUES et al., 2016). Nesse experimento foram realizadas e gravadas três intervenções em domicílio (uma por semana), com duração média de duas horas cada. Essas intervenções tinham a finalidade de promover o autocuidado da criança com a participação ativa de seus cuidadores, e assim identificar a evolução do caso.

Os pesquisadores iniciavam suas intervenções com brincadeiras sentados no chão ou na altura da criança, sempre com a presença de seus pais (principais cuidadores), na sequência eram apresentadas para a criança as Social Stories e um filme abrangendo a temática da intervenção. Durante o experimento os pesquisadores utilizaram como *reforço positivo*³ as bandeiras de países, que eram o hiper foco da criança, e disponibilizou ao mesmo tempo atividades para fixação (desenhos para pintura e recortes, cruzadinhas) com o intuito de dar continuidade na intervenção.

RODRIGUES et al., (2016, p. 30) verificou que a cada intervenção, os pais eram orientados quanto a forma que deveriam ser feitas as estimulações, e ainda preenchiam semanalmente um questionário avaliativo composto por dez questões, cinco de múltipla escolha (alternativas: nunca, às vezes, quase sempre e sempre) e cinco dissertativa descritiva.

O experimento de Rodrigues et al. (2016) verificou que após a intervenção de enfermagem, que visava o apoio-educação com a utilização da ferramenta Social Stories, foi possível adaptar de maneira lúdica as condutas terapêuticas aplicadas na promoção do autocuidado de uma criança diagnosticada com Autismo.

O principal objetivo dos autores citados anteriormente foi alcançado, a capacidade de autocuidado foi aumentada, e a criança se tornou sujeito ativo dos seus próprios cuidados, passando a realizar as atividades que estavam diminuídas ou prejudicadas de forma mais autônoma. A promoção da independência da criança autista foi uma conquista para todos, em especial para o indivíduo, que passa a ser protagonista de suas ações.

Para Mello (2007, p. 54) é fundamental que as famílias trabalhem pela independência dos seus filhos:

Incentive-o também, da mesma forma, a se servir, comer, beber e assim por diante. Ao fazer isto, fique calma e elogie tranquilamente cada pequeno avanço. Não fale mais que o necessário e evite irritar-se com pequenos retrocessos. Pense que neste momento você é mais que um pai ou uma mãe. Você é um pai ou uma mãe que está cumprindo um papel muito importante para seu filho.

Essa autonomia conquistada se deu com os cuidados e intervenções de enfermagem, que se mostraram positivas nesse experimento, evidenciando que com a promoção do autocuidado, a criança com TEA tem possibilidade de ser reabilitada, e a continuidade do acompanhamento por parte dos pais foi crucial para que as habilidades prejudicadas ou diminuídas fossem reestabelecidas.

³ É um prêmio que damos ao organismo depois de ter feito alguma coisa que desejamos que aprenda a fazer. (SANTOS, 2013, p.18)

É muito importante frisar que a adesão do paciente e de sua família é o elo que torna possível esse progresso, pois de acordo com Rodrigues et al. (2016) houve a necessidade de insistência e paciência para que a criança conseguisse executar o que lhe havia sido proposto, alcançando dessa forma o êxito nessa intervenção.

O uso de terapias complementares no cuidado à criança autista

Crianças dentro do Espectro Autista (TEA) podem apresentar em níveis diferentes algum tipo de atraso em seu desenvolvimento e na aquisição de novas aptidões quando se comparado a crianças que não tem o diagnóstico de transtorno do neurodesenvolvimento (típicas). O Autismo de acordo com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais é descrito como:

um novo transtorno do DSM-5 que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades. (DSM-5, 2014, p. 853).

De acordo com as Diretrizes de Atenção da Pessoa com TEA (BRASIL, 2014) é importante que os sinais iniciais com relação aos déficits no desenvolvimento dessa criança sejam detectados precocemente, na expectativa de que as intervenções sejam iniciadas de forma imediata. Desta forma, se pressupõe que quanto mais cedo há intervenções terapêuticas, maiores são os resultados positivos alcançados, além de serem maiores as chances de reabilitação desse indivíduo.

Segundo Mello (2007), a sintomatologia associada ao TEA manifesta-se geralmente até os primeiros três anos de vida, esse período em questão é o momento em que existe maior plasticidade neural (interação do ambiente físico e social determinante da atividade celular neural responsável pelo desenvolvimento comportamental), período onde as experiências vividas por uma criança vão contribuir para o seu desenvolvimento psicossocial. Nesse momento único e impar os profissionais podem alcançar melhores prognósticos de quem está sob seus cuidados. (FIOCRUZ, 2019, p.1).

Para Souza et al. (2017), com a puericultura, o enfermeiro tem a capacidade de captação precoce de qualquer situação em suas consultas, pois nesse momento pode ser feita uma observação acerca do desenvolvimento da criança. No ano de 1984, o Ministério da Saúde criou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Criança (PAISC), que tinha como objetivo reduzir as morbimortalidades de criança no país, tendo como critério a prevenção ao:

utilizar o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento como metodologia para organização da assistência a criança nesta faixa etária; identificar precocemente os processos patológicos, favorecendo o diagnóstico e tratamento oportunos; promover a educação para saúde, destacando a participação da família nas atividades de assistência à criança. (MINISTERIO DA SAUDE, 1984, p.9)

De acordo com Souza et al. (2018), na consulta de enfermagem da puericultura, a promoção de práticas e ações educativas é uma das atribuições do profissional, um importante véis da atenção primária de saúde (APS) na promoção à saúde. Nessa consulta, a enfermagem tem como proposta realizar a estimulação da busca por obtenção de conhecimento por parte dos cuidadores, afim de que sejam atendidas outras demandas básicas da criança, como o aleitamento materno, higiene, a imunização, a comunicação, o desenvolvimento, dentre outras necessidades da criança ao longo do seu desenvolvimento, e nesse contexto exercera um papel mais que importante no acolhimento de crianças com TEA.

Segundo Sena et al.(2015, p.3) a “ligação entre o enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares torna-se de fundamental importância, uma vez que no desempenhar do trabalho da enfermagem denota-se um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento às necessidades do outro e ao seu sofrimento[...]”. O enfermeiro da atenção básica, ao realizar a consulta de acompanhamento de puericultura irá avaliar o desenvolvimento da criança, e nesse momento poderá observar se os primeiros sinais de algum transtorno de desenvolvimento estão presentes, ou se seus cuidadores relatam alguma alteração ou ma-

nifestação quanto a interação, a comunicação ou o comportamento dessa criança (SOUZA et al., 2018).

Assim, no momento da consulta de puericultura, podem ser identificados os primeiros sinais e sintomas de transtornos do desenvolvimento, como o TEA, que é um transtorno que pode comprometer diversas áreas do desenvolvimento, assim como a sua interação com o outro, a sua comunicação e seu comportamento. Dessa forma o enfermeiro estaria trabalhando em prol de garantir a cidadania, dignidade e acessibilidade para essa criança e sua família:

Acessibilidade também diz respeito à eliminação de barreiras que envolvem atitudes de preconceito e de discriminação, que ocorrem, muitas vezes, pelo desconhecimento, por parte da população e dos próprios profissionais de saúde, das necessidades e também das potencialidades das pessoas com deficiência. (BRASIL, 2009, p. 19)

Sabe-se que o transtorno do espectro autista é uma síndrome e que não tem cura, mas para que se possa minimizar os sintomas e os prejuízos decorrentes destes, é importante que seja realizado o diagnóstico precoce, para que, por meio desse possam ser iniciados os tratamentos indicados. A instauração de medidas terapêuticas possibilitaram minimizar os efeitos da síndrome, em prol da melhor interação social do indivíduo, com o intuito de que o mesmo possa desenvolver as atividades cotidianas sem muitos prejuízos. (SOUZA et al., 2018)

Como citam nas Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA), é importante que sejam iniciadas as intervenções com crianças autistas ainda nos primeiros anos de vida, principalmente pelo fator da neuroplasticidade. (BRASIL, 2014). Essas intervenções precisam acontecer de forma imediata, mesmo quando o diagnóstico acontece de forma tardia. A estimulação precoce de uma pessoa com TEA é fundamental para que a mesma consiga adquirir autonomia e tenha menores prejuízos frente aos seus déficits e condições.

A pesquisa de Souza et al. (2018) é uma Revisão integrativa, onde foi proposta uma abordagem qualitativa no intuito de analisar as terapias complementares e a forma como são aplicadas no cuidado à criança autista. Observou-se que era importante para os autores demonstrar as contribuições positivas no tratamento das crianças com transtorno do espectro autista, e como as áreas de comunicação e convívio social são afetadas positivamente.

Nesse trabalho, dentre as terapias complementares abordadas pelos autores supracitados com relação ao auxílio no tratamento clínico de crianças autistas, encontraram-se a Equoterapia, a Dançaterapia, a Musicoterapia e a Oxigenoterapia hiperbárica. As terapias em modo geral são realizadas com o intuito de estimular áreas nobres do desenvolvimento que se encontra prejudicada por essas crianças, e para tanto, é necessário que os profissionais procurem o quanto antes desenvolver nelas habilidades como a busca por autonomia e sua comunicação:

a autonomia e a independência; a comunicação não-verbal; os aspectos sociais como imitação, aprender a esperar a vez e jogos em equipe; a flexibilização das tendências repetitivas; - as habilidades cognitivas e acadêmicas. (MELLO, 2007, p.29)

Essas terapias complementares podem fazer parte do tratamento realizado por multiprofissionais que acompanham as crianças autista, no intuito de aliviar os sintomas clínicos, como ansiedade, depressão e/ou dor do paciente, no intuito de promover o relaxamento, agindo também como facilitadora na promoção da interação social entre a criança e o meio.

Dentre as quatro terapias de maior acessibilidade, Souza et al. (2018, p. 6) relata que a Musicoterapia aumenta o poder de atenção. Com essa abordagem era possível se envolver na fantasia e realidade que a experiência musical traz. A mesma atividade estimula a criatividade, onde junta experiências que levarão esta criança a armazená-las em seu consciente.

Com a experiência de escutar, cantar, tocar e vivenciar a música, o indivíduo terá alterações nas emoções, fazendo com que se acalme, mudando o seu comportamento, o emocional e fisiológico. Ainda irá favorecê-lo, incluindo-o no mundo, proporcionando o desenvolvimento de integração social, e o profissional irá ajudá-lo a descobrir sentimentos e emoções através da música.

As oficinas onde foram necessárias fazer a criação de materiais, foram realizadas por professores com capacitação em técnicas musicais especiais (no caso da criança com alterações motoras). Foram

observadas que as crianças diagnosticada com autismo, apresentou maior dificuldade na participação destas. A intervenção terapêutica por meio da música é um recurso benéfico e utilizado desde o século XIX pela enfermagem, e o mesmo encontra-se presente na Classificação de Intervenções de Enfermagem – NIC. (FRANZOI et al., 2016).

A dançaterapia é uma técnica terapêutica que envolve os movimentos corporais e a dança, e segundo Souza et al. (2018), essa técnica reúne benefícios tanto com relação a coordenação motora grossa, como com o equilíbrio, a psicomotricidade entre outros aspectos referente ao desenvolvimento motor, pois:

a dançaterapia favorece o desempenho gestual e motor, explicitamente no equilíbrio corporal e na marcha. Após as sessões de dançaterapia com as crianças, são notadas melhorias na marcha, no equilíbrio do corpo, e na capacidade motora, tanto estática quanto dinâmica, possivelmente pelos estímulos apresentados pela dança, tais como exercícios alternados e com diversos sentidos. (SOUZA et al., 2018, p. 6)

A equoterapia propicia melhoria no convívio social e no autocuidado da criança autista, garantindo grande valor e contribuição para o desenvolvimento de crianças com TEA. A equoterapia é geralmente uma prática utilizada comumente por T.O. (terapeuta ocupacional). (SOUZA et al., 2018), onde envolvidas nos cuidados com o animal (cavalo), a criança autista percebe e aprende na prática o quão importante é cuidar, tanto do outro como de si, e aos poucos, pode conquistar sua autonomia em tarefas diárias, como se alimentar, se vestir, cuidados pessoais, entre outros.

De acordo com Souza et al. (2018, p. 6), a equoterapia, também é considerada como uma terapia complementar, onde apresenta resultados satisfatórios em relação ao autocuidado, tais como as práticas alimentares e as de higiene pessoal, estimuladas pelos terapeutas ocupacionais e, claro, pelos cavalos, pois os pacientes os alimentam, escovam e participam do banho desses animais.

Segundo estudo, há uma grande melhora no humor, contato visual, expressão verbal e comportamento em grupo, também ressalta que a equoterapia auxilia na estimulação de habilidades motoras, como caminhar, correr e pular, porém, por ser um recurso de custo alto, ainda não é muito acessível à população como um todo.

Outro ponto de discussão abordado no trabalho de Souza et al. (2018), além das terapias complementares mais utilizadas, foi a o conhecimento da equipe de saúde da família e o papel do enfermeiro na prestação de cuidados na assistência ao autista, uma vez que a atenção primária é a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). Os governos têm a obrigação de garantir e igualar as oportunidades para que pessoas com deficiência tenham livre acesso a todos os serviços de saúde, com profissionais preparados para esse enfrentamento. (BRASIL, 2009)

A enfermagem é extremamente atuante dentro da atenção primária, sendo assim, exerce um papel primordial na promoção da saúde por meio da educação em saúde. Essa atribuição da enfermagem auxilia as pessoas a tornarem-se indivíduos ativos na construção de sua vida e de sua independência. (GUARDA, 2017). Para Souza et al. (2018) existem poucos artigos que aborda a importância do profissional enfermeiro no enfrentamento aos cuidados da criança com TEA, ou mesmo que indiquem terapias complementares para auxiliar no tratamento de crianças com autismo, refletindo um aspecto negativo na captação precoce de pessoas acometidas com o diagnóstico.

Os autores concluíram que por meio do diagnóstico prévio, é possível que o enfermeiro possa criar um plano de cuidados individual para crianças com transtorno autístico, podendo dar alguns esclarecimentos de forma humanitária aos cuidadores ou pais da criança, como também tem a possibilidade de encaminhá-lo para uma equipe multidisciplinar na atenção especializada, no intuito de dar início e uma continuidade aos cuidados, além de um tratamento adequado e confirmação do diagnóstico.

Sabe-se que anualmente os diagnósticos de autismo tornam-se cada vez mais incidentes, e há hipóteses de que isso esteja associada a eficácia e aprimoramento das equipes multiprofissionais. Diante desses fatos, cresce também a necessidades de serem criadas novas abordagens e políticas públicas para assisti-las. (SOUZA, 2018). Souza et al. (2018) fala da importância do papel dos pais na hora do diagnóstico, pois eles são os primeiros agentes a identificar o comportamento atípico da criança, bem pelo fato de

estarem no convívio diário e direto, tornando-se peças fundamentais para captação precoce, mesmo não sabendo do que se trata, porém, sentindo que algo diferente acomete seus filhos.

Para que se obtenha respostas positivas de uma criança com TEA, os profissionais que lhe presta assistência também precisam estar envolvidos em uma mesma linha de cuidados. (CARNIEL, et al., 2011). Para Sena et al. (2015) o enfermeiro pode proporcionar uma assistência adequada para as crianças autistas, englobando as pessoas com necessidades especiais como parte do mundo, as quais não se devem omitir por medo dos obstáculos que por ventura se apresentarão ao longo de suas jornadas.

A aromaterpia foi uma das abordagens que ganhou pouco destaque, ela também compreende as terapias complementares e é uma pratica milenar, que utiliza extratos naturais em forma de óleos, e sua composição com fins terapêuticos auxiliam a equilibrar, por exemplo alguns organismos. Para os autistas a utilização do óleo de lavanda traz alguns benefícios como alívio da ansiedade, estresse, medo e raiva, mesmo a eficácia ão sendo tanto significativa. (SOUZA et al. 2018).

prática que se utiliza de concentrados voláteis de Óleos Essenciais, que são composições orgânicas, extratos de origem vegetal formados por moléculas químicas complexas, dispondo de várias funções químicas estimulantes, como álcoois, aldeídos, ésteres, fenóis e hidrocarbonetos, havendo sempre a prevalência de uma ou duas delas e, assim, caracterizarão seus aromas (GNATTA et al., 2010, p.2).

Em conclusão para Souza et. al(2018), foi notável a falta de habilidades e de conhecimento da enfermagem no tocante aos cuidados com a criança autista, e que o profissional de enfermagem exerce um papel fundamental na prestação dos primeiros cuidados e orientação no momento do diagnóstico para as famílias da criança assistida, indicando tratamentos e terapias que possam complementar o seu tratamento.

Das terapias encontradas, a mais acessíveis e utilizadas na prestação do cuidado a criança autista de acordo com Souza et al. (2018) foi a musicoterapia e dançaterapia, onde ambas auxiliam no controle da sintomatologia, auxiliando no desenvolvimento do equilíbrio emocional, da interação social, da comunicação e resposta motora, porem mesmo sendo terapias importantes para que o estado clinico de pessoas com autismo evolua positivamente, ainda são escassas as publicações com os referidos temas.

O Ministério da Saúde (2014) aponta a importância de intervenções terapêuticas após serem detectados os sinais do TEA, até mesmo antes do diagnóstico propriamente dito, onde uma equipe multiprofissional realiza acompanhamentos e presta cuidados inerentes às necessidades existentes. Na equipe multidisciplinar, a enfermagem, juntamente com outros membros, desenvolvem um importante papel na promoção do autocuidado, tendo como função modificar o ambiente para aprendizagem e gerar comportamentos mais independentes, ajudando os portadores de deficiências a desenvolver seus talentos ao máximo, além de tentar remover o preconceito que existe em relação a ele (FERRAZ et al., 2007).

Prática e o conhecimento do enfermeiro sobre o autismo

A estimativa da OMS (Organização Mundial de Saúde) é que 1% da população mundial, ou seja, que uma a cada 68 crianças, ou 70 milhões de pessoas seja autista. Ainda que no Brasil, não tenham dados estatísticos oficiais quanto ao autismo, a estimativa é que de 10% a 20% das crianças e dos adolescentes sofram algum tipo de transtorno mental, e que cerca de 3% a 4% dessa população necessitem de tratamento intensivos. (SILVA et al. ,2018)

Apesar de essa condição manifestar-se desde muito precoce, alguns pais e ou cuidadores relatam que a criança diagnosticada com TEA se desenvolviam normalmente até um determinado momento em que haveriam despertado à manifestação dos sintomas devido algum fato, evento ou trauma quando passaram a apresentar uma “regressão do desenvolvimento”. Em muitos casos constatou-se que na verdade a regressão não existiu e que o fator desencadeante na realidade despertou a atenção dos pais para o desenvolvimento anormal da criança, mas a suspeita de regressão é uma suspeita importante e merece uma investigação mais profunda por parte do médico (MELLO, 2007)

De acordo com Sena et al. (2015), a gestão pública brasileira está se empenhando na elaboração e nos debates para aprovar leis em prol da população que vive em situação de desigualdade social e a margem da sociedade, com o intuito de lhes trazer maior visibilidade e autonomia. Temas como inclusão social, direitos da pessoa com deficiência e transtornos mentais na atualidade são pautas consideradas importantes para o desenvolvimento e crescimento do Brasil.

Pessoas com TEA e seus familiares sofrem preconceito e são estigmatizados pela sociedade, pois a síndrome compromete o desenvolvimento cognitivo e comportamental da pessoa afetada, interferindo principalmente em sua relação com o outro e na adaptação com o meio. Dessa forma, a falta de informação acaba por reproduzir ideias preconcebidas acerca do autismo, e a importância da prestação de cuidados por parte da enfermagem acaba sendo suprimida, pois:

um assunto de tamanha escassez, poucos artigos relatam a importância do profissional de enfermagem frente ao cuidado à criança autista e principalmente à assistência e indicação das terapias complementares. (Sousa et al., 2018, p.14).

Sena et al. (2015) enfatiza que enfermeiros podem auxiliar na avaliação diagnóstica e no acompanhamento de pessoas com autismo por meio da consulta de enfermagem, onde irá acompanhar o seu crescimento e desenvolvimento, observando seu comportamento nesse momento. O profissional de enfermagem também pode auxiliar os cuidadores, apoiando-os e prestando informações a respeito dos processos de cuidar de uma criança com TEA, sobre os procedimentos assistenciais disponíveis e sobre os desafios que os aguardam.

Em sua publicação, Sena et al. (2015) descreve uma pesquisa exploratória qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, onde 15 enfermeiros, predominantemente do sexo feminino, mas especificamente, 73,3% dos participantes foram do sexo feminino, e 26,6% foi composto por pessoas do sexo masculino.

O trabalho desses autores utilizou como instrumento norteador um formulário semiestruturado, e por meio dele, foram realizadas entrevistas com esses profissionais. Os enfermeiros entrevistados eram lotados a mais de seis meses em 16 equipes da área urbana de Estratégia de Saúde da Família de um município do interior do Estado do Rio Grande do Norte.

Sena et al. (2015) conseguiram traçar o perfil dos profissionais que participaram da pesquisa, onde 73,3% dos entrevistados eram adultos jovens, com idades entre 25 e 29 anos; os mesmos trabalhavam predominantemente entre 2 e 10 anos (93,3%), e os demais, 6,7%, à mais de 10 anos; o tempo de trabalho em ESF estava entre zero e quatro anos (86,6%), e os demais profissionais com mais de cinco anos (13,3%).

O cenário escolhido para elaboração do trabalho pelos autores foi a ESF. Essa escolha se deu ao fato de que a estratégia de saúde da família é a principal porta de entrada da vida profissional dos enfermeiros, em especial em cidades do interior, onde o profissional encontra maior autonomia e seu trabalho tem maior visibilidade e valorização, e suas competências geralmente estão atreladas à consulta, diagnóstico e prescrição de enfermagem.

Sena et al. (2015), descreve como a abordagem utilizada com os quinze profissionais entrevistados, ressaltando que 13 nunca haviam prestado assistência à criança com autismo. Dos participantes da entrevista, todos relataram não ter pacientes autistas em seu território de abrangência. Quando os mesmos eram questionados a respeito de seus preparos na prestação de assistência a esse público alvo, apenas um profissional afirmou possuir conhecimento.

Mesmo o profissional que afirmou na entrevista que possuía conhecimento a respeito do TEA, ressaltou que lhe faltava insumos e diretrizes para nortear o cuidado da pessoa com autismo. Outros três participantes afirmaram estar preparados parcialmente, pois de acordo com seus relatos, a Estratégia de Saúde da Família não oferta condições de trabalho para atender essa demanda.

Diante dos resultados, perceberam que havia um grande déficit de conhecimento dos profissionais enfermeiros entrevistados sobre o autismo, principalmente ao relatarem de forma rasa as características da patologia. Esse resultado de acordo com os autores estava associado ao fato de que o TEA manifesta uma grande variedade de sinais, sintomas e etiologias.

Também não houve relato dos envolvidos quanto a ações voltadas ao autismo em seus territórios, em controvérsia aos comentários dos enfermeiros entrevistados, onde os mesmos ressaltaram que era importante haver planejamento e ações voltadas tanto a criança com TEA quanto aos seus familiares.

De acordo com Untoiglich et al. (2013), nos últimos vinte anos houve um crescente número de casos de transtorno de origem neurobiológica diagnosticados (transtornos globais do desenvolvimento, categorizado por TEA). Sena et al. (2015) salienta que mesmo ganhando toda visibilidade diária, o autismo é pouco trabalhado nas grades curriculares do curso de Enfermagem.

Ferraz et al. (2007) fala que os enfermeiros atuam como facilitadores, dando orientações quanto aos aspectos relacionados ao comportamento e aquisição de conhecimentos e habilidades, promovendo assim tomadas de decisões por portadores de necessidades especiais, para que os mesmos se tornem agentes de seu autocuidado. Sena et al. (2015) ainda ressaltam que o enfermeiro é um dos profissionais fundamentais para que seja promovida a autonomia e a cidadania de uma pessoa com necessidades especiais.

Práticas educativas no contexto da enfermagem no cuidado à pessoa com deficiência

Guarda et al. (2017) em seu relato de experiência, abordava a temática de educação em saúde. O estudo citado, contou com a participação de 34 alunos que estavam matriculados na APAE de Manhauçu. Os alunos eram de ambos os sexos, com idades que variavam entre 12 e 18 anos, acometidos por distúrbios cromossômicos, autismo, surdez, cegueira, e outras deficiências físicas e cognitivas.

Previamente à intervenção, foi realizado um levantamento das necessidades dos alunos que participaram do experimento, onde foi possível constatar que haviam déficits quanto a higiene dos alunos, e devido a esse apontamento, foram pontuadas essas necessidades e como deveria ser a intervenção. (GUARDA et al, 2017). A vivência dos discentes dos pesquisadores do curso de enfermagem foi norteadas pelas necessidades dos alunos da APAE quanto a higiene corporal e oral, isso possibilitou que fossem traçadas as estratégias e as formas de abordar a temática, colocando em pratica a educação em saúde de forma que pudesse ser compreendida pelos alunos que participariam do processo.

De acordo com Ferraz et al. (2007), a enfermagem desenvolve um papel fundamental na equipe multiprofissional que presta cuidados no atendimento de pessoas deficientes, promovendo autocuidado por meio da educação em saúde, onde o foco é modificar o ambiente para aprendizagem, gerando comportamentos mais independentes, no intuito de remover o preconceito que existe com relação a essas pessoas e suas condições especiais.

Sousa et al. (2018) utilizaram como estratégia para realização da abordagem alguns recursos visuais, como vídeos educativos, apresentação teatral e uns jogos educativo (jogo da memoraria) para facilitar a fixação dos cuidados e todo conteúdo que seria passado. Para executar a abordagem do jogo da memória, os alunos da APAE foram divididos em grupos de 4 pessoas. O uso de jogos como estratégia de socialização, também é importante para observar a atenção, a memória e a percepção dos envolvidos (GUARDA et al. 2017).

Para Sousa et al. (2018), quando se estimula as capacidades sociais por meios lúdicos, as habilidades dos indivíduos envolvidos nesse processo alcançam resultados positivos, e pode ser observado ganhos positivos quanto ao desenvolvimento cognitivo. Guarda et al. (2017) relatam que se apresentaram algumas dificuldades relacionadas ao curto espaço de tempo para elaboração do planejamento, da abordagem e das intervenções que seriam realizadas, principalmente por se tratar de uma abordagem diferenciada, voltada a pessoas com transtornos como o autismo e pessoas com síndrome de dow.

Outro desafio encontrado pelos autores, foi aprender a compreender e manter diálogos com os alunos especiais. Tais desafios contribuíram no tocante que se refere a construção e ao aprimoramento do “saber-fazer da enfermagem”, seus processos de trabalho e ensinar-aprender. (GUARDA et al., 2017).

Os desafios encontrados pelos autores supracitados também fazem parte da corriqueira realidade das equipes multidisciplinares que trabalham nas APAES, segundo Rosso et al. (2016) a responsabilidades e as demandas complexas de alunos da Associação são muitas, e elas recaem sobre as equipes multidisciplinares, e estas são sem preparo para o enfrentamento das situações que se apresentam.

A utilização de ferramentas lúdicas (teatro, vídeos e jogos), possibilitou que houvesse a participação ativa dos alunos da APAE no processo de educação em saúde proposto pelos acadêmicos, e foi possível transmitir o conhecimento e as habilidades frente aos déficits relacionados aos cuidados de higiene pessoal de maneira mais acessível ao público destinado. (GUARDA et al., 2017).

Favero et al. (2005) relata que diante de muitos estudos empíricos, o uso de jogos pode representar uma alternativa no enfrentamento de dificuldade de comunicação entre a criança com TEA com seus familiares, uma vez que o jogo é um instrumento de expressão valioso para essas crianças. Segundo Guarda et al. (2017), só foi possível realizar essa intervenção graças aos profissionais envolvidos no processo que trabalharam na avaliação e na construção de uma estratégia educativa pautada em metodologias que permitiram a acessibilidade das informações, possibilitando mudanças e transformações naquele meio.

Guarda et al. (2017) reproduz como o enfermeiro nessa situação precisou saber identificar quais os pontos que necessitavam de um cuidado e uma atenção especializada, para então traçar um planejamento embasados em seus diagnósticos, prescrevendo cuidados que foram aplicados por meio da educação em saúde. O jogo nesse estudo foi um instrumento lúdico que possibilitou que a estratégia educativa tivesse participação ativa dos indivíduos, possibilitando que o conhecimento acerca do processo saúde doença fosse melhor absorvido.

Para saber identificar os pontos que necessitam de cuidados, devemos lembrar que é de extrema importância que existam profissionais habilitados e capacitados para realizar diagnóstico, acompanhamento e prestar assistência as pessoas com autismo. A equipe de enfermagem também pode sugerir terapias complementares para que as mesmas sejam utilizadas no dia a dia das crianças autistas, com o cuidado paliativo, já que o mesmo possibilitando também a aproximação da relação do profissional com o paciente, criando um vínculo por ter mais contato com o paciente e seus familiares. (SOUZA et al., 2018)

Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo

Na atualidade, o número de diagnósticos vem aumentando expressivamente, e os mesmo vêm sendo concluídos em idades cada vez mais precoces, dando a ideia de que o autismo pode ser um problema de tantas faces, e as suas características fundamentais vêm sendo cada vez mais reconhecidas facilmente por um número maior de pessoas (MELLO, 2007).

Anteriormente, o diagnóstico tardio se dava pela falta de informação da população e dos profissionais, pois pouco se sabia sobre esse distúrbio, que se caracteriza por manifestações algumas vezes sutis envolvendo a comunicação, a interação social, onde a criança começa a praticar o isolamento, falta de interesse por outros indivíduos, passando também a apresentar padrões repetitivos e restritos em seu comportamento, e nas atividades e interesses pessoais. (RODRIGUES et al., 2016)

Descobrir que existe algo de diferente, descobrir uma deficiência “tardia” é algo muitas vezes doloroso para as famílias, elas entram em uma espécie de luto quando percebem que seus filhos não estão se desenvolvendo como as outras crianças da mesma idade. Ao receber o diagnóstico de TEA, os pais perdem o ideal do filho que estavam planejando em seu íntimo, e apenas o tempo é capaz de fazê-los superar esse episódio da maternidade atípica, agora em busca dos direitos, acessibilidade e inclusão social de seu filho.

De acordo com Franzoi et al. (2016), após a reforma Psiquiátrica brasileira, com a criação dos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e dos serviços substitutivos de saúde mental, além de serem ofertadas uma prática de cuidados diferenciada, a pessoa acometida de sofrimento mental passou a exercer um

papel de cidadão, e iniciou-se o processo de inclusão social dos pacientes psiquiátricos e com deficiências intelectuais. Esse processo de inclusão social possibilitou novas intervenções e um olhar holístico voltado para a humanização do atendimento desse público, com intuito de motivar novos pesquisadores, pois:

os CAPS foram os primeiros serviços induzidos pela Política Nacional de Saúde Mental, desde os anos 1990, para a construção de uma rede diversificada de cuidados. O CAPS é um serviço comunitário que deve operar de portas abertas, sem barreiras de acesso ou agendamento, para dispor de ações de acolhimento, de base territorial, que oferecem cuidado às pessoas em intenso sofrimento decorrente de transtornos mentais, uso de álcool e outras drogas e/ou da ambiência. É um serviço estratégico da RAPS e tem a importante tarefa de promover a articulação com os serviços de saúde e da rede intersetorial. (BRASIL, 2015, p. 98)

Foi realizada por Franzoi et al. (2016) intervenção prática realizada no CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), promovida pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), pelo curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem- Atenção Psicossocial, onde foi utilizada a musicalização como tecnologia de cuidado de enfermagem, todavia, a produção não foi submetida ao comitê de ética, pois não utilizaram dados referentes aos envolvidos nos atendimentos.

O CPSi acolhe crianças e jovens em crise e sofrimento psíquico, que necessitam de cuidados de saúde especializados, lá o enfermeiro realiza atendimentos individualizados e em grupos, promove oficinas terapêuticas, visitas domiciliares e é um agente articulador entre os grupos de apoio (BRASIL, 2014).

A intervenção de Franzoi et al. (2016) ocorreu semanalmente, variando de vinte minutos a uma hora e trinta minutos de duração, entre o período de janeiro a fevereiro do ano de 2014, onde seis grupos distintos, formados por crianças (de 0 a 12 anos) e adolescentes (de 13 a 25 anos) foram submetidos a prática da terapia proposta. A intervenção promoveu integração social, e se mostrou benéfica quanto a promoção do bem-estar, aliviando a ansiedade e o estresse, elevando o nível de relaxamento.

Se faz necessário ressaltar que além da singularidade que existe em todo contexto referente a atenção a criança, envolvendo o apoio à família, estabelecer o diagnóstico de TEA, a inserção escolar e comunitária e o desenvolvimento do trabalho em rede intersetorial, a adolescência, por ser naturalmente um momento de transição também marca um período no qual a demanda por acompanhamento mais intensivo se faz presente. (BRASIL, 2015)

As intervenções ocorreram em grupos de 5 crianças ou 8 adolescentes, compostas por integrantes de diagnósticos diversos, onde a equipe multidisciplinar (enfermeiro, psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais) já faziam a acolhida com músicas, muitas adaptadas e dirigidas especificamente aos presentes, usando instrumentos de corda, como o violão. Em outros momentos foram propostas e promovidas audições e momentos de dança de roda, e as crianças realizaram composições musicais (FRANZOI et al., 2016).

Segundo Rodrigues et al. (2017), podem ser criados esboços de um sistema de enfermagem, onde além ser feito um plano para o fornecimento de cuidado por meio dos diagnósticos de enfermagem encontrados, entre as intervenções podem ser utilizados vídeos, jogos e músicas para fixação de algum conteúdo que desejam passar para as crianças com autismo.

Franzoi et al. (2016) relatou que as crianças com TEA que participaram das intervenções no CAPSi, passaram a se comunicar ao interagir e se expressando com os profissionais por meio de sons, expressões faciais e falas, apresentando mudanças positivas também com relação ao seu próprio corpo e na sua relação com objetos, onde os movimentos e gestos repetitivos (estereotípias) foram resignificados, passando a fazer parte da dança, das brincadeiras e jogos musicais e sonoros.

Quando Mello (2007) discorre sobre a terapia ABA (Análise Aplicada do Comportamento), ele faz um adendo a respeito da importância que é tornar agradável e prazeroso o momento de aprendizagem para uma criança com autismo. Outra pontuação da autora se dá a importância que é ensinar a criança a identificar os diferentes estímulos, e como a repetição é algo importante na abordagem com crianças com autismo, assim como todos os registros exaustivos de todas as tentativas e seus resultados.

Foi perceptível para Franzoi et al. (2016) que mesmo tendo grande potencialidade, a utilização da

Musicalização na intervenção de Enfermagem com crianças com TEA, a mesma possui baixa utilização devido a individualidade de cada criança, pois em alguns momentos poderemos nos deparar com alguém a tapar seus ouvidos, exibindo grande desconforto devido a hipersensibilidade aos sons e vibrações, tornando essa abordagem *iatrogênica*⁴. Mapelli et al. (2018) relata que o desconforto frente ao barulho ativo em espaços sociais se destacou por ser algo pouco tolerado pela criança com TEA.

Como sugestão a diante relacionada a sensibilidade sonora, foi recomendado que os profissionais enfermeiros considerem a possibilidade de desconforto auditivo e tenham bastante cuidado e atenção na hora de prescrever e aplicar essa intervenção de Enfermagem, uma vez que, ao empregar de maneira indiscriminada e sem previa avaliação, e uma boa anamnese, pode gerar uma sobrecarga no sistema nervoso de algumas crianças com TEA hipersensível ao som, aumentando as reações de auto estimulação, gerando efeito contrário a uma das propostas da intervenção, que é o relaxamento. (FRANZOI et al. 2016)

O profissional de enfermagem deve se preparar e estar habilitado para utilizar a música como recurso terapêutico, afim de proporcionar o cuidado de forma lúdica e segura para as crianças com autismo, tomando conhecimento da técnica, contribuiu para que os autores estimulassem a interação, a comunicação e algumas mudanças comportamentais dessas crianças. Segundo Franzoi et al. (2016), essa metodologia trabalhou a tríade das alterações que acompanham o autismo:

- Interação;
- Comunicação e
- Comportamento.

Um outro fator que não deve ser esquecido é que o autismo é uma deficiência mental de acordo com a lei 12.764/2012- Lei Berenice Piana, onde a pessoa diagnosticada com esse transtorno carrega consigo restrições a longo prazo tanto de aspecto físico, mental, intelectual ou mesmo sensorial. (SOUSA, 2018)

Franzoi et al. (2016) ao utilizar essa metodologia, deixou contribuições positivas no CAPSi, onde muitas crianças com TEA foram beneficiadas ao se envolverem no experimento, foi um ganho também para comunidade científica. Nas considerações finais do artigo, constatou-se que houve melhoria da comunicação verbal e não verbal dessas crianças, pois lhes foram propiciados estímulos para aprender novas formas de brincar, rompendo padrões de isolamento social. Os comportamentos estereotipados e as ecolalias também foram reduzidos.

[...]a criança a perceber que através da comunicação ela pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a assim a comunicar-se, e muito provavelmente a diminuir drasticamente problemas de conduta. (MELLO, 2007, p.39)

Franzoi et al. (2016) ressalta que mesmo sendo um recurso benéfico e utilizado desde o século XIX pela enfermagem, e que está presente na Classificação de Intervenções de Enfermagem - (NIC), após realizar uma revisão integrativa, foi constatado que há poucos estudos nacionais sobre a temática de música como recurso terapêutico pela enfermagem, o que de fato é um quadro que necessita ser mudado, uma vez que essa intervenção terapêutica poderia ser trabalhada com uma gama de indivíduos, de várias idades e acometidos por diversos transtornos, deficiências e dificuldades.

O Ministério da Saúde (2014) aponta a importância de intervenções terapêuticas após serem detectados os sinais do TEA, até mesmo antes do diagnóstico propriamente dito, onde uma equipe multiprofissional realiza acompanhamentos e presta cuidados inerentes às necessidades existentes. A enfermagem, juntamente com outros membros, desenvolve um importante papel na promoção do autocuidado, tendo como função modificar o ambiente para aprendizagem e gerar comportamentos mais independentes, ajudando os portadores de deficiências a desenvolver seus talentos ao máximo, além de tentar remover

4 Refere-se ao efeito negativo sobre o paciente, resultante de qualquer procedimento curativo realizado por um profissional de saúde ao aplicar produtos ou serviços pretensamente benéficos, como sondagens, intubações, cirurgias e medicamentos (ABC Med.,2017).

o preconceito que existe em relação a ele (FERRAZ et al., 2007).

Proposta de um plano de cuidados para crianças autistas

Segundo Carniel et al. (2011), é de extrema importância que sejam realizadas avaliações com criança onde exista a suspeita de diagnóstico de TEA, sejam estas por parte dos pais ou cuidadores, como por parte da equipe multiprofissional de saúde que à assite, afim de fechar o seu diagnóstico. O diagnóstico de TEA em alguns casos pode ser um processo bastante longo, pois ele:

permanece essencialmente clínico e é feito a partir de observações da criança e entrevistas com pais e/ou cuidadores. O uso de escalas e instrumentos de triagem padronizados ajuda a identificar problemas específicos, sendo muito importante para o rastreamento e a triagem de casos suspeitos, mas não é essencial para a avaliação nosológica. A partir da identificação dos sinais de alerta, podem ser iniciadas a intervenção e a monitoração dos sinais e sintomas ao longo do tempo. (Ministério da Saúde, 2014, p. 36)

Carniel et al. (2011) propõem um plano de cuidados para a criança autista, onde os enfermeiros possa executar, ao se deparar com um paciente diagnosticada no momento da consulta de enfermagem. Esse ferramenta leva em consideração o conhecimento e entendimento sobre o transtorno pelo profissional enfermeiro, assim como sua atuação frente as necessidades do seu paciente, como também sua atuação frente aos familiares desse indivíduo.

As intervenções frente a criança diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista são variáveis e necessitam da mediação dos pais ou cuidadores, estando também relacionadas com a idade da criança, a quantidade de horas semanais em que ocorrem as intervenções, e mesmo, os ambientes onde ocorrem. (ANDRADE et al., 2016)

Participaram dessa pesquisa cinco enfermeiros, onde Carniel et al. (2011) usaram como critério de inclusão o fato de já terem trabalhado com crianças autistas. A quantidade de participantes nessa pesquisa se deu pela saturação dos dados e também pela escassez de profissionais enfermeiros que atua ou que já atuou com crianças com TEA, além do fato de aceitação em participar do estudo.

Assim, Carniel et al. (2011) embasados no processo de Enfermagem, realizaram coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, que serviram de base na elaboração dos planos de cuidado da pesquisa, onde alguns diagnósticos principais de Enfermagem foram selecionados.

As características apresentadas tipicamente pela criança autista foram outros fatores importante utilizados para complementar a elaboração desse plano e mediante auxílio das evidencias das entrevistas, foram possível verificar que o plano de cuidados deve ser tanto flexível como individual, variando de acordo com o desenvolvimento e idade, sendo constantemente modificado.

Para Carniel et al. (2011), esse plano de cuidados não seria um protocolo engessado, uma vez que cada criança diagnosticada apresenta déficits em graus diferentes. Assim os autores conseguiram levantar seis diagnósticos de enfermagem, com seus respectivos objetivos e prescrições de enfermagem.

Nas Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (MS, 2014), é abordado um dos problemas de conduta associados ao autismo, a autoagressão, esse diagnóstico de enfermagem pode ser dado quando há o “risco de automutilação[...]. A primeira coisa a se incluir em um plano de cuidados para a criança autista é a preservação física[...], [...] a segurança da criança é intervenção prioritária da Enfermagem”.(CARNIEL et al., 2011, p.5).

A falta de interação social é um dos sinais mais marcantes da sintomatologia do autismo, onde a pessoa acometida pelo transtorno encontra dificuldades em relaciona-se com o meio, e a interação social encontra-se prejudicada em algum nível. Barreiras na comunicação podem estar presentes, nesses casos “deve-se promover medidas de inclusão da criança autista. Objetivo da Intervenção: a criança iniciará interações sociais com o prestador de cuidados[...]” (CARNIEL et al., 2011, p.6).

Dentre as sintomatologias do transtorno do espectro autista, alterações e atrasos no desenvolvimento da linguagem é um dos fatores que apresenta déficits, podendo aparecer em vários níveis de comprometimento, variando de indivíduo para indivíduo, que pode se expressar de forma limitada, apresentando um vocabulário bastante restrito (IF/PB, 2017). Esse déficits comum entre os acometidos pelo TEA, pode ser diagnosticado pelo enfermeiro na hora da consulta de enfermagem, o “diagnóstico de enfermagem: comunicação verbal prejudicada relacionada à capacidade prejudicada de produzir a fala secundária à alteração neurológica. Deve-se desenvolver comunicação verbal e não verbal[...]”.(CARNIEL et al., 2011, p.6)

De acordo com RODRIGUES et al. (2017), pessoas com autismo podem ter comprometimentos que afetem o seu autocuidado, e o indivíduo passa a não executar cuidados pessoais de maneira autônoma, como escovação dos dentes, nem higienização das mãos, podendo também regredir na capacidade de se banhar e perder parcialmente a noção das partes do seu corpo. Carniel et al. (2011) destacaram o diagnóstico de distúrbio da identidade pessoal relacionada a alterações neurológicas, onde o indivíduo perde a noção sobre identidades e sobre o seu próprio corpo:

distúrbio da identidade pessoal relacionado a alterações neurológicas. - Objetivo da Intervenção: a criança designará partes do próprio corpo como separadas e individuais em relação às das outras pessoas. - Prescrições de Enfermagem: 1. ajudar a criança a reconhecer a separação durante atividades como vestir-se e alimentar-se, aumentando, dessa forma, a consciência de si mesma como separada dos outros; 2. ajudar a criança a aprender o nome das partes do corpo: Com crianças pequenas percebi que é muito bom trabalhar com animais... Atendi crianças que olhavam uma tartaruga e em um primeiro momento, viam apenas a casca dura. Depois, percebiam que a tartaruga tinha a cabeça mole. Colocavam a tartaruga na água, ela subia e descia, com isso, a criança visualizava as patinhas e montava toda estrutura corporal... (Entrevista 4) (CARNIEL et al., 2011, p.6).

Nas Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo – TEA (2014), é descrito alguns comprometimentos associados ao desenvolvimento motor da criança afetada pelo transtorno, onde podem haver dissimetrias na motricidade, como dificuldades de rolamento na idade esperada. O quinto diagnóstico que compôs a pesquisa de Carniel et al (2011) foi o risco de desenvolvimento retardado relacionado a alterações neurológicas, cujo objetivo da intervenção foi que a criança dentro de suas limitações:

deverá desempenhar tarefas compatíveis com sua idade. - Prescrições de Enfermagem: 1. proporcionar estimulação adequada à idade; 2. encorajar as atividades de auto-cuidado, como tomar banho e alimentar-se; 3. oportunizar a interação com outras crianças; 4. “desenvolver autonomia – não realizar as atividades pela criança, potencializar que a mesma as realize, orientando como se faz. (CARNIEL et al. , 2011, p.6).

Alterações na rotina, como mudança de residência, o posicionamento ou mesmo troca de móveis, mudanças no percurso, são situações comuns para pessoas típicas, mas podem e costumam perturbar bastante algumas crianças e pessoas com TEA (MELLO, 2007). O comportamento de intolerância a mudanças na rotina, foi o último diagnóstico encontrado por Carniel et al (2011), e o objetivo da intervenção proposta pelos autores foi encontrar maneiras para a criança se adaptar as mudanças em suas rotinas com as prescrições de enfermagem:

manter a criança afastada do ambiente, enquanto estiver fazendo as modificações; 2. reduzir as diferenças ambientais entre o novo e o velho ambiente; 3. em contrapartida, conforme aplicação prática do plano de cuidados, fazer o maior número de modificações possíveis[...] (CARNIEL et al., 2011, p.6 e 7)

A importância do trabalho em equipe e das equipes multidisciplinares frente ao TEA, correlaciona-se com o aprofundar-se a respeito da temática, ressaltando a importância de que exista discussão entre todos os profissionais da saúde para se chegar a um consenso sobre atuação dos profissionais frente ao autismo, com o intuito de realizar intervenção realmente efetiva junto à criança e sua família, pois até o momento, segundo Carniel et al (2011) se faz necessário entender mais a respeito do autismo de forma geral.

Sena et al. (2015) ressalta a importância que é cuidar de um autista, e que o olhar e os cuidados devem estender-se também a família, cuidadores e a comunidade em que o esse indivíduo está inserido. Ser enfermeiro é desconstruir pré-conceitos e reformular novos conceitos, gerar e propiciar expectativas de melhor qualidade de vida, é saber cuidar, acalentar e produzir novas formas de saber fazer em enfermagem.

Resultados e discussão

Foram encontrados no total 457 artigos nas bases de dados LILACS, SCIELO e BVS, com as palavras chaves mais relevantes para essa produção (**transtorno do espectro autista, autocuidado, educação especial**). Após análise e leitura do material, onde foram aplicados os critérios de seleção dos artigos, onde 442 artigos foram excluídos. No final 15 artigos foram selecionados, e após serem lidos integralmente compuseram esse trabalho de revisão como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 2. Esquema de representação de seleção dos artigos

FASE 1	BASES DE DADOS	
Base de dados de coleta	LILACS, SCIELO e BVS	
FASE 2	DESCRITORES	RELEVANTES
Definição das palavras chave mais relevantes	transtorno do espectro autista, educação especial, autocuidado, educação em saúde, cuidados de enfermagem	transtorno do espectro autista, autocuidado, educação especial
FASE 3	POTENCIALMENTE RELEVANTES	EXCLUIDOS
Análise dos Resumos	457	442
FASE 4	SELECIONADOS	ANALISADOS
Análise Integral dos Artigos	15	15

Fonte: Autora (2020).

Dos artigos selecionados, CARNIEL et al. (2011) e SOUSA et al. (2018), em publicações mais recentes compartilharam da mesma linha de pensamento, visionando planos de cuidados para a criança autista por meio da identificação da atuação dos enfermeiros. O trabalho dos autores FERRAZ et al. (2007), abordou sobre os cuidados que são prestados por enfermeiros dentro da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, nove anos mais tarde, autores como ROSSO et al. (2016) e GUARDA et al. (2017) também compartilharam dessa inquietação a respeito do trabalho dos profissionais de enfermagem com pessoas com deficiência.

Autores como FAVERO et al. (2005), UNTOIGICH (2013), MAPELLI et al. (2018) e SILVA et al. (2018) focaram na importância da família da criança com autismo, e como ela é fundamental para evolução e adesão dos cuidados instaurados por qualquer profissional de saúde, além de compartilharem da ideia do adocinho desses cuidadores. SENA et al. (2017) em sua produção, compartilhou o seu pensamento a respeito do enfermeiro dentro da Estratégia de Saúde da Família, e como esses profissionais não estão preparados para esse enfrentamento.

Foi muito importante incluir autores como TAMANAHARA et al. (2008), pois ao longo dos anos os pesquisadores, acabam por mudar seus conceitos, tornando importante conhecer os principais fundamentos e conceitos sobre o autismo. FRANZOI et al. (2016), RODRIGUES, et al. (2016) e SOUZA et al. (2017) foram

autores que compartilharam da ideia de que é importante promover saúde para crianças com transtorno do espectro autista. Os artigos incluídos nesse artigo de revisão de literatura integrativo, se encontram no Quadro 1, onde os títulos dos artigos selecionados encontram-se agrupados de acordo com a temática:

Quadro 1. Artigos Selecionados

TÍTULO	ANO	AUTORES	REVISTA	METODO	OBJETIVO	RESULTADO
Promoção do cuidado ou autocuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista						
O uso de terapias complementares no cuidado à criança autista.	2017	SOUZA, Viviane de Melo; NOGUEIRA, Adrielle Maria F.; SANTOS, Lívia Fajin de Mello; PEREIRA, Eric Rosa; RIBEIRO, Wanderson Alves.	Revista saúde física & mental	Revisão integrativa de abordagem qualitativa	Analisar o uso das terapias complementares no cuidado à criança autista.	As terapias têm ótimos resultados, melhorando o humor, coordenação motora, comunicação com o meio ambiente e social e até na alimentação e higiene pessoal, porém ainda há escassez sobre o assunto, fazendo-se necessário mais estudos relacionados à temática
Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial	2016	FRANZOI, Mariana André Honorato; SANTOS, José Luís Guedes do; BACKES Vânia Marli Schubert; RAMOS Flávia Regina Souza.	Texto Contexto Enferm	Relato de experiência.	Relatar a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a estas crianças em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil.	Diante dessa experiência, verificou-se que a música foi uma tecnologia de cuidado de enfermagem que contribuiu para estimular a interação/relação, a comunicação e a mudança de comportamento nas crianças com transtorno do espectro do autismo no CAPSi.

Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories.	2016	RODRIGUES, Patricia Maria da Silva; ALBUQUERQUE, Maria Cicera dos Santos de; BREDA, Mércia Zeviani; BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; MELO, Givânia Bezerra de; LEITE, Alana de Araújo.	Esc Anna Nery	Estudo qualitativo, descritivo, caso único de uma criança com Síndrome de Asperger	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista	A associação da teoria de Orem com a Social Stories apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança.
Família e Autismo						
Autismo infantil e estresse familiar: Uma revisão sistemática da literatura.	2005	FAVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, Manoel Antônio dos.	Psicologia: reflexão e crítica	Pesquisa bibliográfica constituída por relatos de pesquisa.	Revisão propõe-se verificar a influência do impacto, na forma de estresse parental, como fator que afeta os cuidadores diretos e contribui para a ocorrência de alterações na dinâmica familiar de autistas.	O estresse, o enfrentamento e a resiliência aparecem interligados nessa revisão de literatura.

<p>Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar</p>	<p>2018</p>	<p>MAPELLI, Lina Domênica; BARBIERI, Mayara Caroline; CASTRO, Gabriela Van Der Zwaan Broekman; BONELLI, Maria Aparecida; WEMET, Monika; DUPA, Giselle</p>	<p>Esc Anna Nery</p>	<p>Pesquisa descritiva, qualitativa, realizada com 15 famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista, residentes em dois municípios do interior do estado de São Paulo, no período de outubro de 2016 a março de 2017.</p>	<p>Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades do cuidado em saúde.</p>	<p>A família percebe sinais do Transtorno do Espectro Autista; entretanto, acredita que não existem comportamentos suspeitos, mas personalidades próprias da criança. Quando o diagnóstico é definido, a aceitação familiar é aflitiva. A mãe demonstra-se cuidadora principal, enquanto o pai permanece na retaguarda. Constata-se um significativo direcionamento da família para o cuidado/atenção/estímulo à criança autista.</p>
<p>As oportunidades clínicas com crianças com sinais de autismo e seus pais</p>	<p>2013</p>	<p>UNTOIGICH, Gisela.</p>	<p>Estilos clin</p>	<p>Revisão histórica dos constructos TGD e TEA, em seguida um caso clínico.</p>	<p>Reflexões acerca do trabalho clínico com crianças com sinais clínicos de autismo e seus pais, a partir de uma perspectiva psicanalítica.</p>	<p>Se algo nos ensina a clínica com essas crianças é que, dependendo do tipo de intervenções que se produzam, podem-se construir diversas modalidades de organização subjetiva que previamente não eram possíveis, assim como pode-se obstaculizar seu surgimento.</p>

A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista	2018	SILVA, Silvio Eder Dias da; SANTOS, Arielle Lima dos; SOUSA, Yasmin Martins de; CUNHA, Natacha Mariana Farias da; COSTA, Joel Lobato da; ARAUJO, Jeferson Santos	J. Health Biol Sc	Estudo de descritivo com abordagem qualitativa, sendo uma revisão integrativa.	Identificar o que se tem produzido na literatura científica sobre o cuidar em famílias de crianças com transtorno invasivo do desenvolvimento	Permitiram identificar que as famílias têm grandes dificuldades em manter suas estratégias para o desenvolvimento do autocuidado de crianças com autismo. Foi identificada, neste estudo, a escassez de produção científica sobre autorias de enfermeiro acerca desta temática
Treinamento de Pais e Autismo: Uma Revisão de Literatura	2014	ANDRADE, Aline Abreu e; OHNO, Priscilla Moreira; MAGALHÃES, Caroline Greiner de; BARRETO, Isabella Soares	Ciências & Cognição 2016; Vo	Foram consultadas as bases de dados Academic Search Premier, Journals Ovid Full Text, PsycArticles (APA), ScienceDirect (Elsevier), SpringerLink (MetaPress) e Wiley Online Library para a seleção dos artigos.	O objetivo deste estudo é realizar uma revisão da literatura especificamente sobre treinamento de pais de pessoas com autismo a fim de sintetizar as evidências atuais a respeito do impacto desta modalidade de intervenção tanto para a criança quanto para a sua família.	Os estudos revisados apontam para uma indeterminação quanto à eficácia do treinamento de pais como forma de facilitar o desenvolvimento de crianças com autismo. Não foi encontrado resultado conclusivo no que diz respeito ao aumento da qualidade de vida dos pais dessas crianças após a intervenção
Conceituando Autismo						

Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger.	2008	TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria	Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia	Revisão de literatura.	Revisar historicamente os conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. Por meio de revisão de literatura os autores	Permitiu observar a evolução do conceito do Autismo Infantil, ao longo do tempo. O mesmo ocorreu com a definição da síndrome de Asperger.
Conhecimento da enfermagem sobre Autismo na saúde pública						
Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil	2017	SENA, Romeika Carla Ferreira; REINALDE, Elda Medeiros; SILVA, Glauber Weder dos Santos, SOBREIRA, Maura Vanessa Silva Sobreira	J. res.: fundam. care	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, composta por 15 enfermeiros.	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.	Constatou-se déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitações que abordem o assunto.
Planos de Cuidados para crianças autistas						
A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	2018	SOUSA, Bruna Sabrina de Almeida; ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim; CARVALHO, Herica Emilia Félix de; GONÇALVES, Lorraine de Almeida; CRUZ, Jardel Nascimento da.	Saúde e Pesquisa, Maringá (PR)	Método de estudo descritivo, do tipo relato de experiência.	Objetivou descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	Melhoria do desenvolvimento social da criança; aprimoramento da leitura e escrita, bem como participação durante a aula; melhora da linguagem e expressão, e diminuição da irritabilidade. Necessidade de treinamento e capacitação de professores, educadores e profissionais de saúde, inclusive os enfermeiros.

<p>Proposta de um plano de cuidados para crianças autistas</p>	<p>2011</p>	<p>CARNIEL, Elenice Lorenzi; SALDANHA, Letícia Beck; FENSTERSEIFER, Lísia Maria Fensterseifer.</p>	<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)</p>	<p>Qualitativo, do tipo descritivo exploratório e não teve um local específico, uma vez que enfermeiros(as) de várias instituições participaram da pesquisa.</p>	<p>Propor um plano de cuidados para a criança autista por meio da identificação da atuação dos enfermeiros quando se deparam com uma criança diagnosticada como autista, bem como a atuação destes frente à família dessa criança, levando-se em consideração ainda o conhecimento e o entendimento que esses profissionais têm sobre o autismo, além da forma de obtenção desse conhecimento.</p>	<p>Baseado no processo de Enfermagem, nos dados coletados por meio das entrevistas e nas características apresentadas tipicamente pela criança autista, definiram-se alguns diagnósticos principais de Enfermagem, base para o plano de cuidados. Conforme referenciado na literatura e igualmente evidenciado nas entrevistas o plano de cuidados deve ser flexível, individualizado e baseado no desenvolvimento e na faixa etária da criança.</p>
<p>Promoção do cuidado ou autocuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista</p>						

Assistência de enfermagem na promoção do autocuidado aos portadores de necessidades especiais.	2007	FERRAZ, Lucimare Ferraz; ALMEIDA, Franciele Machado de; GIRARDILL, Francielli, SOARES, Silmar Carlos.	R Enferm UERJ	Metodologia ativa de educação em saúde, com oficinas, grupos de discussões, dramatizações, danças	Promover o autocuidado a portadores de necessidades especiais atendidos pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais em Chapecó-SC, desenvolvemos uma prática assistencial de enfermagem, baseada na Teoria do Autocuidado de Orem.	A partir dos relatos de pais, educadores e colaboradores da APAE, percebemos que este trabalho pode contribuir para a aquisição da autonomia dos portadores de necessidades especiais e que conseguimos promover, através de ações educativas, a prática do autocuidado.
Práticas educativas no contexto da enfermagem no cuidado à pessoa com deficiência.	2017	GUARDA, Aline Fonseca da; SCHUENEGUE, Cinthia Mara de Oliveira Lobato; OLIVEIRA, Tatiana Pereira de.	III Seminário Científico da FACIG II Jornada de Iniciação Científica da FACIG	Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado no contexto da disciplina Tecnologia da Educação, ministrada no quarto período do curso de Graduação em Enfermagem da FACIG, Campus Alfa Sul.	O estudo objetivou relatar a experiência vivenciada durante as atividades de intervenção realizadas, observando a capacidade intelectual dos portadores de necessidades especiais, através da educação em saúde.	A experiência permitiu conhecer as peculiaridades do grupo e planejar orientações compreensíveis e significativas de cada aluno. Foi aplicado um exercício onde tivemos um aproveitamento de 90% de acertos

Cuidado de enfermagem na apae: necessidades da equipe multiprofissional	2016	ROSSO, Luana Eugênio; LOSSOL, Ana Regina da Silva	INOVA SAUDE	Aplicação de questionário semiestruturado com 14 profissionais da equipe multiprofissional	Objetivo de identificar os desafios enfrentados pela equipe multiprofissional da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) sem a inclusão de um profissional enfermeiro na instituição.	Como resultado da temática sugere-se a incorporação do enfermeiro na equipe multiprofissional, pois proporcionaria maior segurança, eficácia e qualidade na assistência prestada, possibilitando melhor desenvolvimento e qualidade de vida ao aluno da APAE.
---	------	---	-------------	--	---	---

Fonte: Autora (2020).

Após revisão dos artigos, foi possível verificar que haviam poucas publicações voltadas a promoção do cuidado ou autocuidado de crianças com autismo ou outras necessidades especiais em salas de apoio, entretanto, foi possível alcançar o objetivo proposto inicialmente nesse trabalho, que era conhecer as possibilidades de intervenção que o enfermeiro pode considerar para executar esse enfrentamento, seja por meio da musicoterapia, como abordado por Franzoi et al.(2016), seja por meio das práticas integrativas e complementares, como uso de óleos essenciais de acordo com os estudos de Souza et al. (2017).

Por meio dessa revisão, percebeu-se um fator em comum a todos os artigos, a falta de preparo, conhecimento e em alguns casos, falta de interesse da enfermagem ou de outros profissionais da saúde frente ao diagnóstico de TEA, como aborda Rodrigues et al. (2016), um reflexo que acaba por respingar na Saúde Pública, como podemos verificar com o trabalho de Sena et al.(2017), que faz uma pesquisa com enfermeiros que atuam na estratégia de saúde da família.

Os autores descrevem como o enfermeiro que trabalha na atenção primária não tem os devidos preparos ou conhecimentos para lidar com crianças autistas, podendo ser evidente a falta de conhecimento dos mesmos quando afirmam que não existem diretrizes para nortear seu trabalho, entretanto, a mesma já existe desde o ano de 2014:

Ao serem questionados sobre o preparo dos enfermeiros no tocante à prestação da assistência às pessoas com autismo, apenas um participante afirmou possuí-la, porém, o mesmo ressaltou a falta de insumos e diretrizes que norteariam o cuidado a pessoa com autismo (SENA et al., 2017, p.7).

Outros fatores importantes foram as produções encontradas voltadas aos familiares de crianças com autismo, e como eles são peças fundamentais para que terapias, abordagens e tratamentos tenham eficácia, e como eles são os maiores responsáveis pela evolução das crianças autista, como podemos observar no trabalho de RODRIGUES et al. (2016).

Este trabalho buscou por meio da revisão de literatura integrativa contribuir com um recorte de informações a respeito da atuação da enfermagem na promoção em saúde voltada a pessoas com o TEA dentro de salas de apoio, com intuito de conhecer estratégias voltadas a promoção do autocuidado da criança com autismo que podem ser empregadas nas instituições educacionais.

A partir dos estudos realizados, o objetivo foi alcançado, e mesmo ainda sendo uma temática pouco explorada na academia de enfermagem, principalmente pela falta de conhecimento dos profissionais sobre a temática, as poucas produções da área de enfermagem que realizaram práticas obtiveram êxito na promoção a saúde e autocuidado de crianças com diagnóstico de TEA utilizando alguma metodologia lúdica.

Considerações Finais

Mesmo embasada em uma quantidade pouco expressiva de produções, esse trabalho alcançou seu objetivo, e foi possível conhecer possibilidades e ferramentas para implementação de autocuidados pelos enfermeiros para crianças com Transtorno do Espectro Autista dentro de salas de apoio, e ainda foi possível compreender um pouco mais sobre o diagnóstico, na intenção de compreender complexidade que é o TEA.

No prefácio do Guia Prático do Autismo, Mello (2007) partilha informações com o intuito de ajudar os familiares de autistas no enfrentamento que é o processo de cuidar de uma pessoa, de uma criança autista. Mello(2007), uma autora que também é cuidadora e mãe de autista, depositou em sua obra todo o conhecimento que possuía sobre o assunto, tanto na teoria como na prática, ressaltando a importância que os cuidadores de pessoas com necessidades especiais queiram aderir e conhecer acerca dos cuidados propostos para seus filhos ou cuidados.

Por meio deste estudo foi possível identificar a potencialidade que há em um profissional de enfermagem, e como é primordial que o mesmo tenha conhecimento sobre o autismo, para realizar uma abordagem positiva frente a crianças com diagnóstico de TEA.

O enfermeiro é um agente de transformação, e foi perceptível que onde houve intervenção de educação em saúde, houve mudança, tanto na vida das crianças envolvidas no processo, como para suas famílias e o meio em que elas estavam inseridas. Quando um profissional se dedica a promover saúde, a mudança é evidente, o conhecimento se propaga, e todos se beneficiam.

Ferramentas como as Social Stories, quebra cabeças, jogos da memória e músicas foram estratégias que cumpriram seu propósito com excelência, facilitando a implementação de cuidados e autocuidados pelos enfermeiros. Os profissionais conseguiram prender a atenção das crianças envolvidas no processo de cuidar-se, e ensinou “como se faz” esse cuidar de forma leve e descontraída.

Foi possível entender que para se trabalhar com crianças autistas, primeiramente necessitamos criar vínculos com as mesmas, ganhar sua confiança para que elas tenham interesse em participar das atividades propostas, assim caminhando para que tenham eficácia na intervenção proposta.

As atividades lúdicas descritas nos trabalhos incluídos nessa revisão de literatura produzem resultados positivos quanto a estimulação do cuidado e autocuidado das crianças com autismo. O exercício de visualizar uma atividade que precisa ser executada por meio de uma brincadeira auxilia na fixação de um comportamento, uma resposata em sua rotina. Jogos, histórias, danças, músicas, são recursos de baixo custo, com comprovação científica quanto aos seus benefícios, porém, ainda é pouco acessível e difundida.

Uma questão que ficou bastante evidente, foi a falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre o autismo. De acordo com alguns autores, esse déficit se dava pela pouca ou nenhuma abordagem do assunto na formação acadêmica desses profissionais, outras vezes foram citadas a falta de capacitação, a falta de diretrizes para nortear o trabalho desses profissionais, ou até mesmo a falta de casos de autismo para que os mesmos ganhassem prática.

Esse transtorno do neurodesenvolvimento sempre esteve presente na atuação dos profissionais da saúde, mesmo que os mesmos desconheçam sua sintomatologia. Adquirir conhecimento sobre o Autismo ou sobre qualquer deficiência, transtorno ou síndrome é a forma que o profissional da saúde tem para poder garantir o mínimo dos direitos que essa pessoa tem ao procurar um serviço de saúde.

Um enfermeiro capacitado pode na consulta de enfermagem dentro da atenção primária ser a engrenagem que falta para que os diagnósticos precoces de crianças autistas sejam feitos com maior agilidade, pois o mesmo está mais próximo da comunidade, e acompanha aquela criança mesmo antes do seu nascimento. Esse profissional embasado por conhecimentos pode promover palestras que abordam sobre o desenvolvimento infantil, tirando dúvidas de pais e cuidadores, podem encaminhar crianças com suspeitas de diagnósticos de autismo para especialistas no intuito de fechar seu diagnóstico o quanto antes.

O leque de possibilidades de um enfermeiro frente aos cuidados de crianças com TEA ainda são pouco exploradas, o primeiro passo é ter conhecimento das contribuições que a enfermagem pode trazer para o meio científico com a Educação em Saúde voltada a esse público, que hoje já não é tão minoritário, possibilitaria a implementação de atividades que auxiliariam com relação a saúde e a qualidade de vida de todos envolvidos nesse processo.

Fazer enfermagem com conhecimento, prestando cuidados com excelência, afim de levar dignidade para o outro, com empatia, ética, segurança e humildade, é a chave para que as portas de um mundo de novas possibilidades se abram. Na frase de Ana Nery Medeiros, ela diz “Não promova o autoabandono! Agora, mais do que nunca, a humanidade precisa uns dos outros”. A realidade é que essa frase vai se encaixar perfeitamente em qualquer momento da história, pois sempre precisaremos uns dos outros.

Referências

ABCMED. **Latrogenia - o que é?**. 2017. Disponível em: <https://www.abc.med.br/p/1289753/iatrogenia+o+que+e.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

Almeida, Marina S. R. **Entendendo as estereotípias**. 2017. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/entendendo-as-estereotipias/>. Acesso em: 10 out. 2020.

Andrade, Aline Abreu e; Ohno, Priscilla Moreira; Magalhães, Caroline Greiner de; Barreto, Isabella Soares. **Treinamento de Pais e Autismo: uma revisão de literatura**. 2014. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1038/pdf_67. Acesso em: 15 set., 2020.

Carniel, Elenice Lorenzi; Saldanha, Letícia Beck; Fensterseifer, Lísia Maria Fensterseifer. **Proposta de um plano de cuidados para crianças autistas**. 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/42226311/proposta-de-um-plano-de-cuidados-para-crianaas-autistas>. Acesso em: 05 out. 2020.

Favero, Maria Ângela Bravo; Santos, Manoel Antônio dos. **Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura**. *Psicol. Reflex. Crit.* vol.18 no.3 Porto Alegre Sept./Dec. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a10v18n3.pdf> . Acesso em: 11 fev. 2020.

Ferraz, Lucimare Ferraz; Almeida, Franciele Machado de; Girardill, Francielli; Soares, Silmar Carlos. **Assistência de enfermagem na promoção do autocuidado aos portadores de necessidades especiais**. *R Enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, 2007 out/dez. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/4593/pdf. Acesso em: 05 fev. 2020.

Franzoi, Mariana André Honorato; Santos, José Luís Guedes do; Backes, Vânia Marli Schubert; Ramos, Flávia Regina Souza. **Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com**

transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. [Internet] Texto Contexto Enferm, 2016. . Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n1/0104-0707-tce-25-01-1020015.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v24n2/16.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

Gnatta, Juliana Rizzo; Dornella, Eliane Vasconcellos; Silva, Maria Júlia Paes da. **O uso da aromaterapia no alívio da ansiedade.** 2010. Disponível em: <http://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/download/435/364>. Acesso em: 03 fev. 2020. Disponível em: https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf. Acesso em: 07 out. 2020.

Guarda, Aline Fonseca Da; Schuengue, Cinthia Mara De Oliveira Lobato; Oliveira, Tatiana Pereira de. Práticas educativas no contexto da enfermagem no cuidado à pessoa com deficiência. **III Seminário Científico da FACIG** [internet] 2017. Disponível em: <http://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/download/435/364>. Acesso em: 03 fev. 2020.

IFTO – Paraíba. Conhecendo o transtorno do espectro autista. **Cartilha Institucional.** [Internet] 2017. Disponível em: https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf. Acesso em: 07 out. 2020.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. American Psychiatric Association 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br>. Acesso em: 02 out. 2020.

Mapelli, Lina Domenica; Barbieri, Mayara Caroline; Castro, Gabriela Van Der Zwaan Broekman; Bonelli, Maria Aparecida; Wemet, Monika; Dupa, Giselle. **Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.** Esc. Anna Nery, vol.22, no.4. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ean/v22n4/pt_1414-8145-ean-22-04-e20180116.pdf. Acesso em: 09 mar. 2020.

Mello, Ana Maria S. Ros de. **Autismo : guia prático.** 6.ed. AMA –Associação de Amigo dos Autistas. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.aionpsicologia.com/artigos/7guia_pratico_autismo.pdf. Acesso em: 09 mar. 2020. Disponível em: http://www.aionpsicologia.com/artigos/7guia_pratico_autismo.pdf. Acesso em: 09 mar. 2020.

Mendes, Karina Dal Sasso; Silveira, Renata Cristina De Campos Pereira; Galvão, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2020.

Ministério da Saúde. **Assistência integral a saúde da criança: ações básicas.** I Ministério da Saúde. - Brasília, Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1964. Textos básicos de Saúde, nº7. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/assistencia_integral_saude_crianca.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde.** 2015. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em:

09 nov. 2020.

Ministério da Saúde. Saúde da Criança: **O que é, cuidados, políticas, vacinação, aleitamento**. 2019. Disponível em: <http://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/crianca>. Acesso em: 08 out. 2020.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde - **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (tea) / ministério da saúde, secretaria de atenção à saúde, departamento de ações programáticas estratégicas. Brasília, Ministério da Saúde** [internet] 2014. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publi/cacoos/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acesso em: 08 mar. 2020.

Rodrigues, Patricia Maria da Silva; Albuquerque, Maria Cicera dos Santos de; Breda, Mércia Zeviani; Bittencourt, Ivanise Gomes de Souza; Melo, Givânia Bezerra de; Leite, Alana de Araujo. **Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories**. [Internet] 2016. . Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v21n1/1414-8145-ean-21-01-e20170022.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

Rosso, Luana Eugênio; Lossol, Ana Regina da Silva. **Cuidado de enfermagem na apae: necessidades da equipe multiprofissional**. Revista Inova Saúde, Criciúma, vol. 5, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/Inovasaude/article/download/3020/2790>. Acesso em: 11 mar. 2020.

Santos, Edson Luiz Nascimento Dos; Leite, Felipe Lustosa. **A distinção entre reforçamentos positivo e negativo em livros de ensino de análise do comportamento**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v4n1/v4n1a03.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

Sena, Romeika Carla Ferreira; Reinalde, Elda Medeiros; Silva, Glauber Weder Dos Santos, Sobreira, Maura Vanessa Silva Sobreira. **Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil**. 2015. . Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750947007.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

Silva, Silvio Eder Dias Da ; Santos, Arielle Lima Dos; Sousa, Yasmim Martins De; Cunha, Natacha Mariana Farias Da; Costa, Joel Lobato Da; Araujo, Jeferson Santos. **A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista**. 2018. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/11/964785/14-1782.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

Sousa, Bruna Sabrina De Almeida; Almeida, Camila Aparecida Pinheiro Landim; Carvalho, Herica Emilia Félix De; Gonçalves, Lorraine De Almeida; Cruz, Jardel Nascimento da. **A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar**. [Internet] 2018. Disponível em: http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/06/885158/16_bruna-sabrina_port_norm_ing.pdf. Acesso em: 07 fev. 2020.

Souza, Viviane De Melo; Nogueira, Adrielle Maria F.; Santos, Lívia Fajin De Mello; Pereira, Eric Rosa; Ribeiro, Wanderson Alves. **O uso de terapias complementares no cuidado à criança autista**. 2017. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/SFM/article/download/3495/2455>. Acesso em: 11 out. 2020.

Tamanaha, Ana Carina; Perissinoto, Jacy; Chiari, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

Untoigich, Gisela. **As oportunidades clínicas com crianças com sinais de autismo e seus pais.** Estilos clin., São Paulo, v. 18, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v18n3/v18n3a8.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2020.

Recebido em 20 de novembro de 2023.

Aceito em 04 de dezembro de 2023.